

# “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

“SNEAKER CARRIER”: Felipe Pena exhumes the fractures of Brazilian journalism in the post-coup period

ENTREVISTA | INTERVIEW | ENTREVISTA

Felipe PENNA<sup>1</sup> • Universidade Federal Fluminense | Brasil

Uma entrevista pode ser compreendida como um espaço de intervenção dialógica em que se prioriza a escuta. Mais que isso, pode ser caracterizada como um lugar de fala para a reapresentação dos fenômenos, para a inquirição sobre aspectos da realidade, para o apontamento de novas visões/revisões sobre os acontecimentos. E tudo isso pode ser feito a partir de um contrato facial, amistoso, as palavras organizando-se numa linha em que ciência e coloquialidade encontram-se e conjugam uma gramática mais fluida, uma conversa mais amena, sem que se percam os dimensionamentos acadêmicos.

Foi o que ocorreu com a entrevista concedida à Âncora, pelo pesquisador e professor da Universidade Federal Fluminense, Felipe Pena, que compõe magistralmente o dossiê proposto para esta edição especial, sob a rubrica, **JORNALISMO, MÍDIA e PODER: o processo de *impeachment* e o contexto pós-Dilma**. A entrevista mobilizou a dinâmica dos sistemas digitais abertos e fechados para interagir com o entrevistado. A realização de diálogos através do *e-mail*, do *Facebook* e do *Messenger* foi fundamental para o processo de interação e de aprofundamento das discussões aqui postas. O resultado constitui-se em uma interlocução rica, profunda, pontuada por uma linguagem ágil, saborosa, um diálogo para ser replicado na mesa do café, em sala de aula, nos debates científicos sobre os tempos sombrios que estamos vivendo, iniciados a partir de 2014, após a reeleição da presidente Dilma Rousseff, e todos os episódios posteriores, até as eleições de 2018 no Brasil.

ENTREVISTA

<sup>1</sup> JORNALISTA. Pós-doutor em Semiologia da Imagem pela Université de Paris III – França. Doutor em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atuou como professor visitante da Universidade de Salamanca – Espanha e pesquisador da New York University (EUA). Professor da área de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Contato: felipepena@globo.com.

Os temas centrais da entrevista envolvem as complexidades do jornalismo, da política, das manobras e posições assumidas pelos poderes constituídos da República, das tecnologias e das redes sociais. Pena analisa de maneira aprofundada cada um desses itens, ou os entrelaça em conjunto, com a devida competência, rigor, criatividade, criticidade e, às vezes, com pitadas de ironia, sagacidade e humor. Temos entre nós o pesquisador, o jornalista, o professor universitário, o pensador, o militante crítico, com uma aguda responsabilidade em forjar uma análise contundente sobre os episódios que culminaram no *impeachment* da ex-presidente Dilma, a prisão do ex-presidente Lula e, agora, o processo eleitoral de 2018 e a ameaça que paira sobre a frágil democracia brasileira.



**Professor Felipe Pena, autor do livro *Crônicas do Golpe* (2017), em entrevista concedida para televisão.**

Já na primeira questão solicitamos a Pena para refletir sobre o jornalismo, trazer uma definição para esta profissão, tão desacreditada em nossos dias, sobretudo o jornalismo praticado nas organizações comerciais de comunicação. Pena nos apresenta os temas caros à reflexão sobre o

jornalismo: Jornalismo e conhecimento, *lead*, objetividade. É o entrevistado que nos diz: “[...] a pretensão objetiva está nos métodos, não nos profissionais que os utilizam. E é essencial que isso seja ressaltado. O *lead* é usado como tentativa de tornar o texto objetivo porque o jornalista sempre será subjetivo.”.

O tema da ética, tão indispensável, e paradoxalmente esquecido nos dias que correm, também veio à tona na entrevista. Para Pena, “No jornalismo não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações.”.

Pena reconhece a dificuldade de falar-se hoje sobre o tema, dada a precarização da profissão, onde postos de trabalho são perdidos diariamente; onde impera, tendencialmente, um senso profissional que muitas vezes se incorpora aos ditames da linha editorial e dos interesses econômicos, políticos e corporativos vigentes nas organizações.

Nosso entrevistado reconhece que o que se tem, na atualidade, é um jornalismo uniforme, esvaído do contraditório, narrativa feita para que jornalistas repercutam argumentos frios, entrevistas de “si mesmos”, sem direito às divergências e sem o traço necessário da investigação e aprofundamento dos fatos.

Entregamos, pois, aos leitores da *Revista Latino-americana de Jornalismo* o resultado de dezessete questões respondidas com esmero pelo entrevistado, em diálogo com suas obras clássicas e atuais, a exemplo do livro *Crônicas do Golpe*. Mais que isso: a entrevista de Felipe Pena é um diálogo agudo e contundente com nosso tempo, os dilemas políticos aos quais estamos submetidos, o lugar do jornalismo como narrador dessa fase da história brasileira.

Que a leitura dessa entrevista, realizada pelos professores Pedro Nunes, Joana Belarmino de Sousa e Cláudio Paiva, possa reverberar e ampliar-se em novas e futuras reflexões.

Que a entrevista possa ser aprofundada, em outros campos e áreas do conhecimento que dialogam com o jornalismo e suas imbricações com a cobertura da política, e o lugar que a imprensa brasileira tem assumido ao narrar o longo processo iniciado em 2014, compreendido por partes significativas da sociedade nacional e internacional como golpe jurídico-parlamentar-midiático.

**ENTREVISTA REALIZADA EM 26 DE JULHO DE 2018**  
**APROVADA EM 23 OUTUBRO DE 2018**



## Na condição de professor-pesquisador e jornalista como o senhor conceitua Jornalismo?

**Felipe PENA** - Sou um estivador de sapatilhas. O máximo que posso oferecer são algumas hipóteses baseadas em trabalho e uma certa preocupação com o estado da arte da profissão. Vários pesquisadores já conceituaram o jornalismo de uma maneira muito mais aprofundada do que eu. Dei minhas modestas contribuições em alguns livros e artigos. É de lá que posso tirar minhas considerações.

No livro *Teoria do Jornalismo* (2005, p. 23), antes de conceituar, faço uma pequena historiografia e tento situar a origem da profissão:

A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar de jornalismo.

Trato dessas circunstâncias no capítulo seguinte. E, a partir delas, proponho um conceito para o jornalismo a partir da junção de cinco características básicas: periodicidade, atualidade, publicidade, universalidade e função social.

Repare que excluo a objetividade como característica porque a considero mal interpretada por profissionais e pesquisadores.

A objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar destes fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los. (2005, p. 50).

É a partir dessa desconfiança dos fatos que foram criados o *lead*, a pirâmide invertida e outros métodos pretensamente objetivos. Mas a

**A natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

pretensão objetiva está nos métodos, não nos profissionais que os utilizam. E é essencial que isso seja ressaltado. O *lead* é usado como tentativa de tornar o texto objetivo porque o jornalista sempre será subjetivo. Portanto, para responder de forma "objetiva", ofereço a hipótese

de que o jornalismo é um conjunto de operações discursivas condicionadas pelo ambiente social, pela cultura organizacional, pelos constrangimentos hierárquicos, pelos avanços tecnológicos e pela subjetividade dos emissores e receptores.

**ÂNCORA**

**A partir dessa concepção sobre as complexidades do Jornalismo, como dimensionar a ética no Jornalismo?**

**Felipe PENA** - Minha reflexão mais detalhada sobre a ética está descrita no livro *No Jornalismo não há fibrose* (2010), que foi finalista do Prêmio Jabuti. Naquelas linhas tortas faço estudos de casos concretos, como a Escola Base, o linchamento de Ibsen Pinheiro e o escândalo da Casa Pia, em Portugal.

Mas a expressão que dá título ao livro já estava no *Teoria do Jornalismo* (2005, p. 113), no capítulo sobre ética:

No jornalismo não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo.

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

É a partir do estudo de casos, então, que tento formular algumas considerações sobre a ética no jornalismo. Mas reconheço que é difícil falar sobre o tema, diante da precarização das relações de trabalho na imprensa brasileira. Alguns jornalistas querem ser mais realistas que o rei e acabam reproduzindo discursos do patronato, sem sequer serem demandados para isso.

O que acontece com os comentaristas de política na TV chega a ser vergonhoso. Entrevistam uns aos outros para produzir narrativas uniformes, sem direito à divergência. Não seria este um exemplo claro da falta de ética na profissão? Posso responder que sim, embora acredite que o conceito transcenda o ambiente do trabalho.

Gosto muito das formulações do Claudio Abramo, descritas no livro *A Regra do Jogo* (1988, p. 109)<sup>2</sup>:

Sou jornalista, mas gosto mesmo é de marcenaria. Gosto de fazer móveis, cadeiras, e minha ética como marceneiro é igual à minha ética como jornalista – não tenho duas. Não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão.

O problema é que essa relação do cidadão com o *ethos* tem variáveis que se confundem com a moral. Mas os conceitos são diferentes, apesar da relação intrínseca entre eles. Daí a dissonância cognitiva que descrevo no livro:

Gostamos do direito à liberdade, mas desconfiamos das responsabilidades inerentes a ela. Quando nos colocam regras de conduta, dizemos logo que é censura. Ao menos, é claro que sejam as regras do patrão. Aí, damos outro nome: política editorial. (PENA, 2005. p. 108).

**No jornalismo não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações.**

Felipe PENA

Universidade Federal Fluminense | Brasil

<sup>2</sup> ABRAMO, Claudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

**O seu livro *Teoria do Jornalismo* foi traduzido na Espanha, transformando-se em uma referência na área. Quais os aspectos-chave desta obra que o senhor ainda considera relevantes nessa discussão sobre as teorias do Jornalismo? Quais atualizações o senhor proporia para uma nova edição, tendo em vista as dinâmicas do Jornalismo e a sua afirmação de que “qualquer teoria não passa de um reducionismo” ?**

**Felipe PENA** - Permita-me responder a esta pergunta sem especificações, pois elas não caberiam aqui. O livro precisa de muitas atualizações. As inovações tecnológicas nos últimos 13 anos, que é a idade da obra, tornam qualquer texto sobre jornalismo obsoleto. É preciso contemplar não só as transformações técnicas, mas, principalmente, as cognitivas e as psicossociais.

Entretanto, no próprio livro dou uma pista sobre minhas reflexões acerca da tecnologia ao resgatar o mito do deus Hefestos, que representava a técnica na Grécia antiga e era coxo, mancava da perna direita:

O alerta da perna coxa permite verificar que algumas das críticas ao jornalismo “tradicional” permanecem atuais no universo online, como, por exemplo, a velocidade, a simplificação, a superficialidade e a banalização. Entretanto, além de estas críticas serem potencializadas no ambiente digital (o tempo real e a própria linguagem são exemplos, embora limitados pelos suportes de hardware), o universo da cibercultura também os relaciona com as fantasias de supressão do tempo e do espaço. Mas o devaneio começa antes da própria veiculação da notícia online. A partir da imagem de que o ciberespaço é um mar polissêmico, abre-se a navegação para o exercício das múltiplas possibilidades de identidade, em que a atemporalidade e a imaterialidade presentes nos fluxos de informação que formam o ciberespaço permitem a realização de desejos de forma virtual, em um verdadeiro laboratório existencial, liberto de qualquer tipo de obstrução. Parece o fim dos limites impostos ao humano pelo corpo. No ambiente virtual, tudo é possível. Um deficiente físico pode correr a maratona, um sujeito com acrofobia pode pilotar um avião, homens podem ser mulheres e vice-versa, em um aparente exercício lúdico de todas as possibilidades que possam se apresentar.

Em outras palavras, há a crença de que qualquer um pode intervir em enredos pré-estabelecidos e transformá-los conforme sua própria conveniência, construindo-o e reconstruindo-o, em uma interação inesgotável, com a possibilidade de assumir as mais variadas identidades: sexuais, religiosas, ideológicas, etc. Na

## **“ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe**

verdade, essas diferenças deixam de existir, pois não determinam as relações. O que, aparentemente, seria uma nova utopia igualitária, viabilizada por uma suposta democracia digital. Mas essa completa indistinção já é, ela própria, uma proposta totalizadora.” (PENA, 2005, p. 180).

Estas linhas foram escritas em 2005, quando ainda não estávamos impactados pelas mídias sociais. Mas eu já apontava para o viés totalitário que, hoje, se confirma nas bolhas de informação. Precisaria de uma atualização profunda nessa parte. Ando muito assustado com o que leio e vejo nas mídias sociais. Aparentemente, elas são o terreno ideal para a proliferação do ódio e estão diretamente relacionadas à ascensão de uma direita raivosa que defende a volta da ditadura. Mas quero pesquisar mais sobre o assunto para oferecer uma hipótese minimamente científica. Por enquanto, estou apenas ensaiando uma proposta de estudos para a atualização.

**ÂNCORA**

**O seu livro *Crônicas do Golpe*, publicado pela Record em 2017, apresenta excelentes contribuições para se compreender as dinâmicas conflitivas de nosso cenário político-econômico brasileiro e as inter-relações entre as diversas instâncias de poder que abarcam o Legislativo, o Executivo, o Judiciário e a própria imprensa. Trata-se de uma interpretação aguda que revela com inteligência as nossas fraturas expostas relacionadas com o que o senhor firmemente designa de golpe. Que aproximações e diferenças o senhor estabelece entre o recrudescimento do golpe em 1968 e o golpe jurídico-parlamentar em 2016?**

**Felipe PENA** - O golpe de 2016 foi muito mais sofisticado que o de 1964, pois não houve a necessidade de tanques nas ruas, apenas a aplicação do *lawfare* em uma conspiração jurídica, midiática e parlamentar. Sobre 1968 a comparação com 2018 é inevitável.

Se em 1968 o AI-5 foi o golpe dentro do golpe, a prisão de Lula (e sua consequente inelegibilidade quando liderava as pesquisas com 40% dos votos) foi o golpe dentro do golpe em 2018.

Ainda assim Lula conseguiu transferir votos para Fernando Haddad enfrentar Bolsonaro no segundo turno. Mas o vice de Bolsonaro, general Mourão, já disse que preparara um autogolpe caso a chapa de extrema-direita seja eleita. E Bolsonaro também anunciou que não aceitará o



resultado caso perca as eleições. Ou seja, estão preparando o golpe dentro do golpe do golpe. É assustador.

O que quero dizer é que 2016 abriu as portas para a barbárie. Desde a queda de Dilma Rousseff entramos em uma espiral de decadência. E mesmo que um democrata vença a eleição nada garante a governabilidade. Foi nesse poço sem fundo que os golpistas parlamentares nos meteram. Criaram o monstro do pântano e agora não sabem lidar com ele.



**Algumas crônicas que compõem o seu livro foram publicadas no jornal *Extra* antes mesmo da “tomada” do Palácio da Alvorada. Em sua coluna o senhor evidenciava as tramas do Legislativo, as manobras do Judiciário, as traições de Temer e a própria crise da democracia brasileira. No portal *Jornalismo de Resistência* o senhor publicou o texto intitulado *A morte e a morte do jornalismo brasileiro*, onde destaca “[...] que a imprensa brasileira construiu uma narrativa para esconder o golpe de estado que aconteceu no país”<sup>3</sup>. Poderia nos detalhar e contextualizar para nossos leitores em que consiste essa morte do jornalismo brasileiro?**

**Felipe PENA** - Começo pelo jornalismo de TV, mais especificamente aquele que é produzido pelos canais de notícias.

O que tem acontecido é que o agendamento está migrando das notícias para os comentaristas das notícias. Ou seja, não basta que o espectador veja: é preciso que alguém diga o que ele está vendo. Há uma produção de narrativas em cima das narrativas, o que, se tivesse um caráter plural, poderia até ser esclarecedor. Entretanto, como os comentaristas apenas se entrevistam mutuamente, reproduzindo discursos unidimensionais e totalizantes, o possível caráter esclarecedor acaba se tornando o seu contrário.

Nos canais de notícias deveríamos ter comentaristas com opiniões divergentes, como é comum em emissoras como a *CNN*, por exemplo. Um comentarista apresenta uma tese, o outro apresenta uma antítese e o telespectador faz a síntese. Esta deveria ser a dinâmica, mas, infelizmente, ficamos limitados aos afagos mútuos, sem a devida

---

<sup>3</sup> PENA, Felipe. A morte e a morte do jornalismo brasileiro. **Jornalismo de Resistência**. [Rio de Janeiro], [2016].

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

contextualização dos fatos, o que só pode ser feito pela exploração da divergência e da pluralidade de opiniões.

No jornalismo produzido na *Internet* tenho a impressão de que os jornalistas estão se transformando em *instantaneístas*, com o perdão pelo neologismo. Salvo raras exceções, não há checagem e aprofundamento nas reportagens. E, apesar do espaço ilimitado, procura-se reduzir o tamanho dos textos para supostamente atender às exigências da avareza cognitiva do público.

Outro dado desanimador é o de que as métricas (*google analytics* e outras) são cada vez mais importantes no jornalismo *online*. Mais importantes até do que a própria notícia. No grupo de pesquisa em Teorias do Jornalismo da Intercom temos vários estudos sobre o tema. Em um exemplo recente uma pesquisadora do Rio Grande do Sul, que também é repórter do *Zero Hora*, citou o caso de uma reportagem sobre o divórcio do Louro José (personagem da Ana Maria Braga) como a matéria mais visualizada do veículo em detrimento de reportagens sobre a crise habitacional e outros assuntos de relevância social. Segundo ela, os repórteres acompanham em tempo real a visualização de suas reportagens e tendem a se concentrar em assuntos de apelo popular, de consumo fácil, sem a necessidade de aprofundamento. E parte dessa tendência tem relação com o sistema de métricas, que acaba sendo aplicado como uma avaliação do repórter.

Em resumo, temos um jornalismo cada vez mais superficial. E eu nem vou entrar no mérito da crise da mídia impressa.

### ÂNCORA

**Com base em suas argumentações, quais fatos amplamente revelados pela IMPRENSA evidenciam “o fim da democracia no Brasil”, com a materialização do processo de *impeachment* e o que transcorreu no período pós-Dilma (2016 -2018)?**

**Felipe PENA** - Vou me limitar a enumerar alguns fatos e declarações. Deixo que o leitor faça sua própria interpretação.

### Declarações:

- “*Legitimidade do novo governo pode até ser questionada.*” (general Villas-Boas, comandante do Exército, em setembro de 2018).

- “*Vamos fazer uma constituinte com notáveis, sem passar pelo voto.*” (general Mourão, vice de Bolsonaro, em setembro de 2018).
- “*Se eu perder, não vou reconhecer o resultado das eleições.*” (Jair Bolsonaro, candidato à presidência, em setembro de 2018).
- “*Retiro o sigilo da delação de Antonio Palocci.*” (juiz Sérgio Moro, em setembro de 2018, a cinco dias das eleições.)
- “*Tem que mudar o governo para poder estancar essa sangria. Num grande acordo nacional. Com o Supremo, com tudo.*” (senador Romero Jucá, em março de 2016, dois meses antes do golpe.)

Com relação aos fatos, transcrevo parte de minha coluna do jornal *Extra*, publicada no dia 9 de março de 2017 e republicada no livro *Crônicas do Golpe*:

O historiador Jean Lacouture, expoente da Escola dos Anais, na França, dizia que os jornalistas roem as avelãs dos fatos com muita intensidade, sem tempo para a digestão.

Pode ser. Nossa indigestão com o que acontece diariamente no Brasil do desgoverno Temer precipita a interpretação. Mas, se o papel da história é prover o antiácido, acredito que, neste caso, ele será ineficaz.

Mesmo no curto prazo histórico não é difícil perceber que o estado democrático de direito não está vigorando no país desde o dia 12 de maio de 2016, quando os golpistas tomaram conta do Palácio do Planalto.

De qualquer forma, selecionei cinco fatos da segunda semana de janeiro de 2017 (avelãs roídas com calma?) e outros cinco mais recentes para comprovar a tese do título.

Eles demonstram que, ao contrário do que prega a imprensa brasileira, as instituições não estão funcionando.

### **1. Em janeiro:**

- Um oficial de justiça vai entregar uma intimação ao presidente do Senado, Renan Calheiros. Renan o deixa horas esperando e não recebe a intimação.
- Outro oficial de justiça vai à casa de 700 famílias pobres em SP. Está acompanhado pela tropa de choque da PM. Moradores são humilhados e expulsos.
- A PM Paulista apresenta como justificativa para a prisão do ativista Guilherme Boulos uma interpretação tosca da já vilipendiada Teoria do Domínio de Fato.
- Um Delegado da Lava Jato afirma à revista Veja que o "timing" para prender Lula passou, confessando que a existência ou não de provas não tem a menor importância.
- O reitor e uma estudante da UFRJ são processados pelo

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

Ministério Público por terem se manifestado contra o *impeachment* de Dilma Rousseff.

### 2. Em fevereiro e março:

- Um juiz do Supremo cansa de dar entrevistas antecipando votos sobre temas que ainda irá julgar, ferindo a lei da magistratura e a própria constituição federal.
- O mesmo juiz, que é presidente do Tribunal Superior Eleitoral, visita constantemente o palácio de um réu que ele mesmo irá julgar. O réu é um presidente da república ilegítimo.
- Um juiz de Curitiba é constantemente visto em eventos de natureza empresarial acompanhado dos adversários políticos de um réu que irá julgar. Também participa do lançamento de obras contrárias ao réu e lhe atribui, em linguagem direta, a autoria de fatos ilícitos, ainda que a título de informação. (Nem vou mencionar a liberação dos grampos ilegais para a imprensa porque foi no ano passado).
- O ministério público quer impor à sociedade um pacote de medidas que inclui a restrição do habeas corpus e a validação de provas ilícitas.
- O legislativo faz seu papel ao analisar e emendar as medidas contra a corrupção propostas pelo MP. O STF invalida o trabalho legislativo e manda o projeto voltar para a câmara com o texto original, sem a interferência dos deputados.” (PENA, 2017. p. 97).

ÂNCORA

**Professor Felipe Pena, grosso modo diríamos que o Poder Legislativo brasileiro é uma instância de representação carcomida, viciada e ultrapassada no tocante à construção de seus próprios dilemas e paradoxos. A instituição espelha o atraso de nossa legislação eleitoral e o atraso de nossas escolhas, tanto para o Legislativo como para o Executivo. Claro que há honrosas exceções que se aplicam a essa afirmação. Lula e Dilma representam exceções nesse processo de escolhas para o Executivo desse período político que sucede a ditadura militar. Particularmente o Poder Legislativo traduz uma democracia altamente falha, repleta de vícios históricos. A exemplo de outras instâncias de poder, o nosso entendimento caminha no sentido de que o Legislativo precisa ser reestruturado. Em sua maioria esse órgão é constituído por uma casta de deputados e senadores corporativistas e defensores de uma elite atrasada. Conspiram de forma patética e tramam para simular uma aparência de legalidade no Congresso Nacional. Diante desse cenário de horror real como o senhor analisa a dinâmica do Poder**

## Legislativo marcado por reveses, acordos antiéticos, conchavos e contradições com implicações na vida da política brasileira?

**Felipe PENA** - O Legislativo somos nós. Nós como sociedade, como representação do que pensa a maioria da população. Os conservadores são maioria no Congresso porque a maior parte da população é conservadora. Podemos até discutir se esse conservadorismo foi construído na perspectiva teórica do *newsmaking*, que é a tese defendida por mim, mas não é possível negar a sua existência.

O nefasto Eduardo Cunha teve uma grande votação no Rio de Janeiro, lastreado por sua participação em igrejas evangélicas e rádios religiosas. O ainda mais nefasto Jair Bolsonaro cresceu na esteira de sua defesa da pauta armamentista e valendo-se de um discurso homofóbico e misógino. E eles têm seguidores, têm fãs, têm representatividade. Infelizmente, são o retrato do país.

Este é um ponto. Outro ponto, bem diferente, é o nosso defasado sistema eleitoral, que veda a fiscalização dos congressistas. Como eles são eleitos pelo quociente de votos dos partidos e/ou coligações ficam distantes dos eleitores. É por isso que defendo o voto distrital, cuja dinâmica permite uma maior proximidade e a consequente fiscalização dos eleitos. Aí voltamos ao *newsmaking* e vamos ao agendamento da imprensa.

Estou convencido de que a única maneira de fazer uma reforma política é através da convocação de uma assembleia constituinte exclusiva, eleita com essa única finalidade, sem o poder de legislar no sistema atual, cuja extinção aconteceria assim que os trabalhos fossem finalizados.

O problema é que esse debate sempre é agendado pela imprensa como uma pauta antidemocrática ou uma “coisa bolivariana”, como alguns reacionários gostam de classificar. Trata-se de um absurdo que perpetua nosso sistema proporcional defasado, elegendo os *Tiriricas* e sua trupe sem votos.

**A Grande Imprensa se tornou a guardiã de nossa representação carcomida, viciada e ultrapassada.**

Felipe PENA

Universidade Federal Fluminense | Brasil

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

A Grande Imprensa se tornou a guardiã de nossa representação carcomida, viciada e ultrapassada. É ela que impede sua reestruturação. Ao inviabilizar a constituinte o agendamento inviabiliza a reforma política. E, como podemos perceber pela bancada recentemente eleita, temos mais representantes da bancada BBB (boi, bíblia e bala). Ou seja, está armado o circo para um conservadorismo ainda maior na nova legislatura.

ÂNCORA

**O Poder Judiciário não foge dessa lógica perversa associada ao descrédito atribuído aos outros poderes da república brasileira. Por contraditório que pareça o nosso judiciário brasileiro também tem sido acusado de parcial, arbitrário, corporativista e causador de instabilidade política. Nesse sentido, o pensador português Boaventura Santos tem destacado, em entrevistas e artigos acadêmicos, um grau acentuado de ativismo político do judiciário brasileiro. Como o senhor avalia essa atuação do judiciário brasileiro concomitante ao processo de convivência por parte de segmentos da Grande Imprensa em não aprofundar deslizos e manobras de decisões jurídicas consideradas políticas?**

**Felipe PENA** - O Judiciário é um puxadinho do baronato brasileiro. Claro que há exceções, mas a maior parte dos juizes vem das classes dominantes e espelha seus preconceitos e narcisismos. Todo o sistema, da universidade ao concurso para magistrado, é feito para perpetuar essa lógica.

**E o que faz a imprensa brasileira? Transforma o juiz em herói, em um personagem mitificado dessa mesma Disneylândia. Ele vira o pateta com capa de super-homem.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

O ativismo político do Judiciário, conforme descrito pelo Boaventura Santos, é mais um cômodo desse puxadinho. Como o baronato perdeu poder com a ascensão da esquerda, acionou seus filhos para tentar recuperá-lo.

Vejam o exemplo do Sérgio Moro, cuja formação é intrinsecamente americana. Para ele, o direito é uma Disneylândia, um parque de diversões jurídicas. A Teoria do Domínio de Fato, explicitada na sentença contra Lula, é um de seus brinquedos favoritos.

E o que faz a imprensa brasileira? Transforma o juiz em herói, em um personagem mitificado dessa mesma Disneylândia. Ele vira o Pateta com capa de Super-Homem.

A sentença contra Lula é uma ficção da Disney. O personagem é acusado de furtar um pão. Ele tem alergia a glúten, mas, ainda assim, o Ministério Público vê indícios suficientes para apresentar uma denúncia de furto ao juiz da comarca, alegando que o pão poderia ser "desviado" para outra pessoa.

Vamos considerar que o MP tem razão. O que deve fazer o juiz? Ora, é simples: encaminhar o julgamento com base na denúncia de furto. Não há outra alternativa, é o que está na lei, é o que está escrito no Código de Processo Penal.

Entretanto, no meio do julgamento, uma testemunha diz que viu o personagem atravessar o farol vermelho em frente à padaria. Caberia ao juiz abrir um novo processo, já que se trata de outra infração, mas, contrariando a lei, o magistrado condena o réu por avançar o sinal e ignora o furto do pão. Ou seja, a sentença não tem relação com a denúncia, o que a torna desprovida de qualquer valor jurídico.

Há vários erros na sentença em que Moro condenou o ex-presidente Lula. Poderíamos falar sobre a inobservância das provas apresentadas pela defesa, sobre o excesso de adversativas no texto e até sobre a nulidade da testemunha-chave. Mas vou me ater à resposta do juiz ao embargo de declaração. Daí a metáfora da história da Disney.

No caso do triplex atribuído a Lula, o MP apresentou denúncia dizendo que o apartamento foi recebido como pagamento de vantagem indevida ao ex-presidente, tendo como contrapartida a facilitação de três contratos da empreiteira OAS com a Petrobrás. Mas, em sua sentença, o juiz Sérgio Moro ignora a denúncia e baseia a condenação no depoimento de Léo Pinheiro, cuja principal afirmação é a de que Lula tinha uma "conta corrente" de propinas na OAS. Esse foi um dos pilares do embargo de declaração da defesa do ex-presidente. E qual foi a resposta de Moro? Reproduzo abaixo:

Este juiz não afirmou em lugar nenhum que os valores conseguidos pela OAS nos contratos com a Petrobrás foram usados para pagamento de vantagens indevidas ao ex-presidente.

Ou seja, o próprio Moro confessa que sua sentença não se baseou na denúncia. Portanto, de acordo com a lei, ele deveria abrir outro processo.

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

Além disso, ao dizer que a vantagem indevida não tem relação com a Petrobrás, Moro retira o caso do âmbito da Lava Jato e inviabiliza sua permanência como juiz do processo.

Mas como ele é o herói da imprensa quase ninguém o contesta. Só aqueles que conhecem os bastidores do parque da Flórida e observam as regulares visitas de seus donos aos *Patetas* com capa de Super-Homem.

### ÂNCORA

**O *Twitter*, e suas reverberações na blogosfera e no *Facebook*, construiu uma narrativa sobre o *impeachment* e todas as ocorrências posteriores, narrativa que engendrou uma espécie de ciberarena, se quisermos, algo como uma ciberguerrilha na qual os grupos contra e a favor enfrentaram-se e ainda se enfrentam. O senhor considera que essa narrativa construída em 140 caracteres tem poder de fogo como narrativa crítica desses acontecimentos?**

**Felipe PENA** - Como narrativa, o *twitter* tem alguma eficácia. Como crítica, tenho minhas dúvidas. Nas atuais condições de nossa blogosfera, em que boa parte do público se informa através de memes, 140 caracteres são quase uma enciclopédia. Com 280 o sujeito acha que escreveu a *Ilíada*.

**Nas atuais condições de nossa blogosfera, em que boa parte do público se informa através de memes, 140 caracteres são quase uma enciclopédia. Com 280 o sujeito acha que escreveu a *Ilíada*.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

É triste, mas é um fato. O José Saramago dizia que, nesse ritmo, acabaríamos voltando aos grunhidos como forma de comunicação. E quando observo a comunicação por *emojis*, que é predominante no *WhatsApp*, percebo que estamos nesse caminho.

Por outro lado, nós, como comunicadores, não podemos estar ausentes dessa plataforma. Então, é preciso encontrar formas de exercer a crítica, apesar do exíguo espaço.

Tento encontrar uma linguagem para isso, mas nem sempre dá certo. Na verdade, acho que poucas vezes consigo me expressar com



eficiência. Faço muitos experimentos, acrescento fotos e vídeos, uso metáforas e outras figuras de estilo. Entretanto, tenho a impressão de que não existe um tom adequado. Ou melhor, se existe um tom ele está sempre em transformação, e seria necessário uma permanente atualização para manter um nível eficiente de comunicação. Ainda assim, com todas essas limitações, travo minhas batalhas no *Twitter*. E não vou parar.

**ÂNCORA**

**O número dos seus seguidores já ultrapassa os 25 mil. Com quem, de fato, você dialoga nas redes? Com o campo jornalístico, o campo político, a sociedade? Talvez até fazendo uma correlação com a questão anterior, essa batalha poderá interferir em um resultado positivo para as esquerdas, ou acirrar o contra-ataque, e até acionar medidas de controle e de restrição das liberdades de expressão na ciberesfera?**

**Felipe PENA** - Não sei se existe diálogo nas redes. Os algoritmos estão nos jogando para bolhas semânticas, afastando as divergências. Eu me esforço para não bloquear os *haters*, mas confesso que já fiz isso algumas vezes. É um movimento paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que queremos o diálogo, temos pouca paciência para os divergentes. Na maioria das vezes porque os argumentos são inconsistentes, rasos ou sem qualquer educação. Mas, em outras, porque precisamos tocar a vida e não nos dedicamos verdadeiramente ao debate na rede.

Isso é um erro. Precisamos encontrar a linguagem adequada para exercer o bom combate político nas redes sociais ou acabaremos engolidos pelos *bolsominions* e outros atores da extrema-direita que já se especializaram nas narrativas da ciberesfera.

A *Internet* possibilitou o exercício do narcisismo das pequenas diferenças, conforme conceituado por Sigmund Freud, abertamente, sem constrangimentos. A *Internet* permitiu a famosa saída do armário e, de certa forma, acabou incentivando os instintos primitivos de violência através da formação de grupos.

Vou usar o exemplo dos seguidores de Bolsonaro para tentar explicar essa tese a partir do viés freudiano.

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

O conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” foi explorado por Freud nos textos *Psicologia de grupo* (1921)<sup>4</sup> e *Mal-estar na Civilização* (1930)<sup>5</sup>. Para o autor, a civilização, sob o império da lei, é a responsável pela inibição da agressividade humana, que é uma expressão narcísica do ego. No entanto, tal narcisismo agressivo rompe a barreira do recalque e se manifesta publicamente quando incentivado por líderes que se supõem acima da lei (e, portanto, da civilização) ou quando avalizados por um grupo que recorre a pequenas diferenças em relação ao outro para justificar a barbárie.

Os *bolsominions* se encaixam em ambos os casos. Seguem o líder, a quem chamam de mito, e dão vazão aos recalques narcísicos atacando as diferenças dos grupos que elegem como rivais. Daí a constante referência agressiva a homossexuais, negros e feministas. Em muitos casos tal referência esconde algo ainda mais profundo: um desejo reprimido de ser o outro. Por isso, considero muito provável a hipótese de o deputado Bolsonaro usar a violência contra grupos LGBTQI+<sup>6</sup> como forma de reprimir seu próprio desejo homossexual.

Quando alguns críticos consideram a palavra nazista exagerada para definir um *bolsominion*, sempre pergunto se as características citadas por Freud nos parágrafos acima não estavam presentes também na Alemanha da década de 1930. Da mesma forma, recorro a algumas condições históricas, como crise econômica, desgaste da esquerda, falta de representatividade política e a busca por um salvador da pátria. Não estaria sendo pavimentado o caminho para um totalitarismo nazifascista no país? Ou vocês ainda acham que é exagero?

É nas redes sociais (mais no *Facebook* do que

**Não sei se existe diálogo nas redes. Os algoritmos estão nos jogando para bolhas semânticas, afastando as divergências.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Obra completa de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1969. (Vol. XVIII).

<sup>5</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>6</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais e todas as outras expressões da diversidade sexual e de gênero (assexuais/*aromântiques*/agênero, pan/poli etc.)

no *Twitter*) que os seguidores de Bolsonaro se encontram. É lá que eles se organizam para hostilizar os grupos e pessoas com quem têm as diferenças narcísicas.

Os *bolsominions* usam a expressão “vamos lá oprimir”. E, juntos, reverenciam o líder, atacam o “inimigo” e se masturbam mutuamente através dos xingamentos que utilizam. Já vimos esses acontecimentos na história recente. A praça virtual pode se transformar na praça do nosso bairro rapidamente. E essa eleição presidencial provou que a opressão está muito perto.

**ÂNCORA**

**Vivenciamos dias dramáticos nesse processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma, e, na atualidade, a prisão do ex-presidente Lula continua protagonizando situações das mais inusitadas. Nas redes sociais há uma produção gigantesca de conteúdos sobre esses acontecimentos. Que narrativa, sobretudo no *Twitter*, você destacaria para ressaltar a interação da audiência conectada com respeito a esses acontecimentos? Como o *Twitter* narrou, por exemplo, o dia da votação, pelo Congresso, do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff?**

**Felipe PENA** - O *Twitter*, conforme mencionei na resposta anterior, tem uma patente limitação crítica. Entretanto, os que produzem a narrativa em 140 ou 280 caracteres acreditam que fazem uma crítica embasada. Daí a impressão de que há um Fla-Flu crítico nas redes sociais quando um fato polêmico como a prisão de Lula está acontecendo.

Na verdade, a narrativa nem é crítica, nem é polarizada como um Fla-Flu. Temos, no máximo, um jogo entre Flamengo e Olaria (pequeno clube carioca), já que os que atuam de um lado são potencializados pela grande mídia, que tem sua própria narrativa e interfere nesse jogo.

No *WhatsApp*, então, a batalha é ainda mais desigual. E essa é a mais cruel das mídias sociais, a prova cabal de que fracassamos como civilização. Nas eleições de 2018 *as fake news* contra Haddad e Manuela se multiplicaram sem qualquer fiscalização do Tribunal Superior Eleitoral. Houve ataques à família dos candidatos, à honra e até ao corpo. Os mais variados tipos de torpeza foram criados e não quero citar exemplos para não dar destaque a sandices.

O que gostaria de destacar é o dado quantitativo. De acordo com o Datafolha (entrevista do diretor Mauro Paulino à *GloboNews* em 8/10/2018), 44% dos eleitores de Bolsonaro compartilham notícias sobre

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

política no *WhatsApp*. Já do lado de Fernando Haddad esse número cai pela metade: são 22%. Nessa matemática está parte da bem-sucedida campanha de Bolsonaro, concebida desde o início como estratégia de guerrilha através da propagação de *fake news* pela plataforma cujo rastreamento é quase impossível.

E qual é a responsabilidade da Grande Imprensa neste fenômeno? Ela é causa e consequência. Como os veículos da grande mídia se limitam a produzir teses, sem espaço para as antíteses, o público percebe a manipulação e resolve que só consumirá informações de sua própria bolha através do *WhatsApp*. Ato contínuo, os veículos criam empresas de checagem de informações e apontam para o *fake* que o usuário recebeu pelo celular. E o que fazem os consumidores desse *fake*? Acham que é a grande mídia que está mentindo. Pronto. Está fechado o ciclo. Causa e consequência ao mesmo tempo.

### ÂNCORA

**A Grande Imprensa tem atuado como uma espécie de “terceira turma”, “terceira instância”, conforme já frisaram alguns articulistas desse processo. A imprensa divorciou-se de uma visão plural dos acontecimentos. A imprensa presta atenção às redes sociais? A imprensa escuta as audiências conectadas?**

**Felipe PENA** - Acho que já respondi a parte dessa pergunta quando fiz a crítica aos canais de notícias que não dão espaço para opiniões divergentes entre seus comentaristas e, portanto, impedem a síntese de ideias.

Foi tal procedimento que produziu, por exemplo, a narrativa do antipetismo, aquela que atribui todos os males do país a um único partido. Os opositores dos governos petistas aproveitaram essa narrativa para impor as pautas conservadoras e criar o fenômeno Bolsonaro. A reação da imprensa aconteceu tarde, quando passou a mostrar os vídeos do capitão

**A imprensa brasileira realiza uma condução coercitiva da cognição pública.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

insultando negros, agredindo mulheres e defendendo torturadores. Em um desses vídeos ele até confessa que é sonegador de impostos.

Entretanto, como já havia a experiência midiática de produzir narrativas contra o PT, os

defensores de Bolsonaro passaram a dizer que aqueles vídeos também eram a construção de uma narrativa. Conseguiram fazer com que boa parte do público questionasse o que estavam vendo e ouvindo da própria boca do Bolsonaro. Ou seja, subverteram a lógica e passaram a dizer para suas bolhas o que era fato ou *fake*.

A eleição de 2018 não foi uma polarização antipetista, foi uma polarização antifatos. E uma eleição em que os memes para produção de *fakes* valeram mais do que imagens de um candidato falando atrocidades e confessando que é um sonegador de impostos.

Com essas reflexões respondo à segunda parte da questão: a imprensa não presta a devida atenção às redes sociais.

**ÂNCORA**

**Na crônica *Não é Golpe, é muito pior* o senhor afirma que a "imprensa brasileira realiza uma condução coercitiva da cognição pública" e ainda destaca que "a trapaça narrativa funciona em três etapas". Poderia nos contextualizar esse recorte interpretativo e detalhar essas etapas?**

**Felipe PENA** - A condução coercitiva da cognição funciona como indutora da opinião pública através da produção de narrativas específicas. Sua estratégia está sempre embutida nas perguntas, não nas respostas. O golpe de 2016 foi a primeira etapa. Quando os repórteres perguntavam aos juristas se o *impeachment* era ilegal eles respondiam que não, pois estava previsto na Constituição. Mas a pergunta certa deveria ser: "*impeachment* sem crime de responsabilidade é legal?". Neste caso, a resposta seria negativa, pois a maioria não classificava as famosas pedaladas fiscais como crime de responsabilidade. Então, o repórter sempre induzia através da pergunta.

Na segunda etapa, relativa à prisão de Lula, ninguém fez a pergunta certa, que seria sobre a sentença de Sérgio Moro. Qualquer leigo percebe que essa sentença não corresponde à denúncia, o que invalida todo o processo

**Não há mais lugar para narrativas totalizadoras que privilegiam grupos e dão poder a corporações e/ou indivíduos.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

de acordo com o Código Penal. Mas nenhum repórter indagou o juiz sobre o assunto.

Na terceira etapa, a da eleição presidencial, tentam carimbar o rótulo de extremista em Fernando Haddad ao dizer que o pleito está polarizado, dividido em polos opostos. Ora, Haddad e Bolsonaro não são faces da mesma moeda, mas os repórteres insistem em perguntar aos analistas políticos qual dos extremos vencerá as eleições e por que o centro ficou de fora.

Este é o novo agendamento midiático do golpe (desenvolvo o argumento na última resposta da entrevista).

### ÂNCORA

**A Mídia Independente tem funcionado enquanto oxigênio para se contrapor ao discurso de manipulação da Grande Imprensa. Também opera falhas nesse contexto de crise política, onde tudo é apressado e demanda velocidade. É possível fazer observações e críticas a esse jornalismo que atua de forma independente?**

**Felipe PENA** - A imprensa alternativa/independente tem uma importância enorme para equilibrar o debate público. Mas também precisa abrir espaço para o contraditório. Se eu fosse editor de um jornal de esquerda adoraria ter colunistas de direita. Não há mais lugar para narrativas totalizadoras que privilegiam grupos e dão poder a corporações e/ou indivíduos. O público começa a perceber a manipulação e/ou a cultura corporativista. Seja no campo estético, seja no político, as vozes marginalizadas se levantam. Os discursos já não são autônomos e a ação comunicativa já não se faz por transferência, e sim por ressonância. A cidadania está no plural, na diversidade, na simplicidade, na acessibilidade. A cidadania está na crítica da informação.

A minha crítica, no entanto, vem acompanhada de uma ressalva: é preciso ter muito cuidado ao propor o paradigma da manipulação para a análise da mídia. Gostaria de propor uma reflexão mais profunda.

Para isso tomo por base a teoria organizacional, de Warren Breed. Acho que o termo "manipulação" é simplista. A manipulação obviamente existe, mas, muitas vezes, a ordem para manipular a notícia não vem de cima. Simplesmente há uma introjecção da cultura do veículo por parte dos profissionais. E alguns querem ser mais realistas que o rei. E, claro, tem muito puxa-saco no mundo. Para Warren Breed,

o contexto profissional-organizativo-burocrático exerce uma influência decisiva nas escolhas do jornalista. Sua principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais não é o público, mas o grupo de referências constituído pelos colegas e pelos superiores na redação. O jornalista, então, acaba socializado na política editorial da organização através de uma lógica de recompensas e punições.<sup>7</sup>

Em outras palavras, ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais. E isso deve ser considerado quando falamos em manipulação.

## ÂNCORA

**E as coberturas da Imprensa Internacional sobre o processo de *impeachment*, a onda de conservadorismo, retrocessos do (des) governo Temer, Laja Jato, prisão de Lula e trapalhadas do judiciário brasileiro. O que o senhor nos apresenta de interessante quanto aos fatos reverberados com profundidade crítica por parte dessa Imprensa Internacional?**

**Felipe PENA** - O Brasil flerta com o fascismo. A votação de Jair Bolsonaro é a mais expressiva prova disso. A imprensa internacional tem cumprido o dever de lembrar que, antes de virar ditador, Hitler foi eleito na Alemanha. Aliás, a imprensa alemã é a mais aterrorizada com o que está acontecendo no Brasil.

Quando as instituições foram quebradas lá atrás, no golpe contra Dilma, passamos a viver um "vale-tudo". Já naquela época a imprensa internacional chamou a atenção do público externo para a nossa frágil democracia. E

**O Brasil flerta com o fascismo. A votação de Jair Bolsonaro é mais expressiva prova disso.**

Felipe PENA  
Universidade Federal Fluminense | Brasil

quando Lula foi preso o quadro ficou ainda mais claro. Os principais jornais do mundo consideram Lula um preso político e têm a responsabilidade de apresentar Jair Bolsonaro como o fascista que ele é.

<sup>7</sup> Entrevista de Felipe Pena intitulada "A manipulação nem sempre vem de cima" concedida a Pedro Zambarda no Stória Brasil, em 2017.

## “ESTIVADOR DE SAPATILHAS”: Felipe Pena exuma as fraturas do jornalismo brasileiro no período pós-golpe

No dia 8 de outubro de 2018, quando o resultado do primeiro turno foi conhecido, dei entrevista para alguns veículos estrangeiros. Não houve um repórter que não manifestasse suas preocupações com o país e suas angústias sobre o rumo nefasto que estamos tomando.

*The Guardian, The New York Times, El País e RTP*, entre muitos outros, têm correspondentes no Brasil e, ao nos observar com o olhar estrangeiro, conseguem ter uma visão mais crítica sobre nossos erros. Acho indispensável a leitura desses veículos para empreender uma tentativa mais eficaz de compreender a realidade brasileira.

### ÂNCORA

**A Rede Globo tem uma postura paradoxal, pois se mostra avançada na área da ficcionalidade, como as séries *Anos Rebeldes* e *Os dias eram Assim*, e é tendenciosa nas reportagens dos telejornais. Na condição de ex-diretor de análise de conteúdo da Rede Globo e comentarista da *GloboNews*, como enfrentar essa equação contraditória?**

**Felipe PENA** - Eu perdi amigos, perdi trabalhos, perdi convívio familiar. Tudo por conta de meu posicionamento político. Ninguém quer ouvir o contraditório. Deixei de ser convidado para debater na *GloboNews*, fico à margem das discussões públicas, tenho dificuldades para mostrar que essa equação não é contraditória, conforme sugerido na questão, já que a própria *Globo* tem produtos como os citados *Anos Rebeldes* e *Os dias eram assim*. Basta lembrar a frase do próprio Roberto Marinho quando os militares pediram para ele entregar funcionários ligados à esquerda que trabalhavam no grupo Globo: “Dos meus comunistas cuido eu.” A frase pode parecer arrogante, mas é a prova de que o fundador era mais tolerante do que seus sucessores. Ou, então, os sucessores estão mal assessorados.

Quando fui diretor de análise de conteúdo da Rede Globo limitava-me a analisar os roteiros de teledramaturgia da emissora. Nunca permiti que ideias políticas contaminassem o trabalho. Implantei um método baseado em meus estudos de semiologia da imagem durante o pós-doutorado na Sorbonne e contratei uma equipe de profissionais e pesquisadores para me ajudar. Era um método científico, com objetivos claros, que utilizava ferramentas de análise elaboradas com rigor. Não havia espaço para subjetividades políticas.



Nosso trabalho (meu e da equipe que contratei) tinha dois eixos. No primeiro, fizemos um mapa das audiências de todas as novelas da *Globo* nos últimos 20 anos. Em seguida, identificamos os picos de audiência, capítulo a capítulo, e qualificamos a estratégia narrativa que estava sendo usada nos capítulos com maior repercussão, isolando pontos fora da curva, como dias de chuva ou eventos extraordinários, entre outros. Também avaliamos a influência dos peritextos (chamadas durante a programação, reportagens etc.) e do mundo virtual no andamento das narrativas.

Por esse método, conseguimos entender os caminhos que mais seduziam o público e, também, os que haviam sido rejeitados. Criamos gráficos e *tags* para facilitar o entendimento da pesquisa, mas ela nunca chegou à direção geral, creio.

Nosso segundo eixo de trabalho foi mapear os personagens de todas as novelas, identificando suas características e seus dilemas, tanto nas tramas principais como nas paralelas. Assim, pretendíamos evitar as repetições (lembro que houve três exames de DNA numa mesma semana em novelas da *Globo*), atualizar os comportamentos e propor situações dramáticas em sintonia com o *zeitgeist*, o espírito da época.

Tudo isso deveria ser conversado com autores e diretores. Achei que seríamos uma ferramenta, um apoio para os talentosos autores da *Globo*. Mas nosso departamento nunca foi acionado. Eu pensava como autor (é o que sou, um autor – apenas estava diretor), ou seja, se estivesse com uma novela no ar ou prestes a entrar na grade gostaria de ter uma assessoria como a da nossa equipe.

Já na *GloboNews* era exatamente o contrário. O que o Estúdio I precisava era de opiniões divergentes para enriquecer o debate. E eu argumentava com as minhas, que não são as mesmas da linha editorial da emissora e da maioria dos comentaristas. Mas era exatamente essa a característica divergente que deveria ser valorizada, como acontece nos programas de debates da *CNN*.

Acho que é uma miopia de qualquer veículo não abrir espaço para o contraditório. Fica muito mais interessante para o telespectador, gera polêmicas, anima as redes sociais e influencia na própria audiência.



**Quais novos elementos entrariam hoje no agendamento realizado no livro *Crônicas do Golpe?***

**Felipe PENA** - Aprofundo aqui a resposta à pergunta 14, pois considero que o novo agendamento é tentar transformar Haddad e Bolsonaro em faces da mesma moeda, tratando-os como extremos opostos.

O discurso de que o segundo turno será disputado entre dois extremos é uma falácia. Bolsonaro e Haddad não são dois lados da mesma moeda, como parte da imprensa tenta carimbar. Basta reparar nos discursos de ambos para perceber a enorme diferença entre eles. Enquanto um defende torturadores ligados à ditadura, o outro tem a democracia como valor absoluto. E as diferenças não param por aí (embora esta seja suficiente).

A candidatura de Haddad representa muito mais o centro do que a esquerda. Ele é, no máximo, um candidato de centro-esquerda, jamais de extrema-esquerda - espaço talvez ocupado pelo PSTU, que prega a rebelião como única alternativa política.

Haddad nunca questionou o processo democrático. Nunca elogiou a ditadura. Nunca disse que contestaria o resultado das urnas caso não fosse eleito, como faz Bolsonaro. Ao contrário de seu adversário, Haddad jamais ameaçou mulheres, jamais chamou quilombolas de gado, jamais estimulou a violência e o preconceito.

Não se trata, portanto, de uma eleição polarizada, já que os candidatos não representam polos opostos, muito menos extremos opostos, com o perdão da redundância. O que Bolsonaro e Haddad representam são concepções diferentes sobre a função da política. Enquanto o primeiro se utiliza da urna para legitimar um projeto autoritário (com proposta de autogolpe defendida pelo seu vice), o segundo tem como meta a retomada do projeto de desenvolvimento do qual participou como ministro de Lula. Pode-se criticar o PT em muitos aspectos, alguns com fortes razões, mas durante os 13 anos de governo do partido a democracia jamais foi ameaçada.

Bolsonaro é o candidato da ignorância, segurando um fuzil na mão direita e uma bíblia na esquerda. Bolsonaro é o candidato do ódio, da bancada da bala, dos falsos pastores que usam o nome de Deus com fins econômicos e eleitorais. Para ser a face da mesma moeda Haddad teria que utilizar as mesmas armas do adversário, mas até seus maiores críticos admitem que o ex-prefeito de São Paulo não tem esse perfil. Haddad é um conciliador formado na tradição dialética da universidade. Professor e advogado, foi ministro da Educação durante sete anos. Ganhou uma eleição e perdeu outra, sem contestar o resultado.

Bolsonaro e Haddad são duas faces de diferentes moedas. A única polarização admissível neste provável segundo turno é entre a civilização e a barbárie, o que nos coloca diante de um dilema muito maior, que transcende a eleição. Um dilema sobre o tipo de sociedade que queremos. Um dilema que começa nas urnas, mas pode terminar nos porões dos quartéis ou nas salas de aula.

Um dilema entre o pau-de-arara e os livros didáticos - inclusive, os de jornalismo.

## PRINCIPAIS LIVROS | Felipe PENA

- PENA, Felipe. **Crônicas do Golpe**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- PENA, Felipe. **Meus fracassos na TV**. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.
- PENA, Felipe. **No jornalismo não há fibrose**. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.
- PENA, Felipe. **Geração Subzero: 20 autores congelados pela crítica, mas adorados pelos leitores**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- PENA, Felipe. **1000 perguntas: Teoria da Comunicação**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- PENA, Felipe. **O Verso do Cartão de Embarque**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- PENA, Felipe. **Seu Adolpho: uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e da Revista Manchete**. Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2010.
- PENA, Felipe. **Teoría del Periodismo**. Sevilha: CS Ediciones, 2006.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PENA, Felipe. **Teoria da Biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PENA, Felipe. **Televisão e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

